

NOVA Revista Extensão

Número 06 - Ano 4

Mundo animal

Hospital veterinário já oferece acupuntura nos tratamentos

Comprar ou não comprar? Eis a questão

Professores da Rural comentam o vício do consumismo

Exclusivo

Presidente da ADUR comenta greve de mais de 4 meses e apresenta as reivindicações dos servidores

Energia verde para a pesca

PROEXT, CNPq e Prefeitura de Itaguaí fomentam juntas projeto de apoio a pesca artesanal na cidade



UFRRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO

Expediente

NOVA Revista Extensão

Ministério da Educação
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Reitor: Ricardo Motta Miranda
Vice-reitora: Ana Maria Dantas Soares
Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Nídia Majerowicz
Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Áurea E. Aznar Neves
Pró-Reitor de Extensão e Idealizador do Projeto da Revista: José Claudio Souza Alves
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis: Carlos Luiz Massard
Pró-Reitor de Assuntos Administrativos: Pedro Paulo de Oliveira Silva
Pró-Reitor de Assuntos Financeiros: Eduardo Mendes Callado
Diretor da Imprensa Universitária: Gilberto Silva Reis

Pró-Reitoria de Extensão
www.ufrj.br/portal/extensao
e-mail: dext@ufrj.br

Campus Universitário da UFRRJ - Pavilhão Central - Sala 67
BR 465 Km 7 - Seropédica - RJ - Cep: 23890-000
Telefax: 0xx 21 2681-4722

Nova Revista Extensão
e-mail: novarevistaextensao@gmail.com
facebook: Extensão Universitária UFRRJ
twitter: @revistaextensao

Repórteres, Redatores e Fotografia:
Ana Carolina Brandão, Jéssica Mazza, Jéssica Reis e Natália Figueiredo
Projeto gráfico e Diagramação: Natália Figueiredo
Revisão: Eduardo Alves Inez
Foto de Capa: Natália Figueiredo
Impressão: Imprensa Universitária - UFRRJ

A Nova Revista Extensão é uma publicação trimestral da Pró-reitoria de Extensão da UFRRJ.
A reprodução total ou parcial desta obra é permitida desde que não seja para fins lucrativos
e seja dado o crédito às fontes e aos autores das fotos e reportagens.



Tiragem: 2000 exemplares
Número 06 - Ano 4



Sumário

Editorial

04. Direto da Redação

Grupos Organizados

06. GEA - Amazônia em pauta



Educação

08. Educação para o consumo
10. Opinião: As Armadilhas do consumo
13. 90 anos de Modernismo



Primeiro Plano - Tecnologia

14. Tecnologia verde a serviço da pesca
18. Todos pela produção orgânica
21. Experiências didáticas no campo da animação



Saúde

22. Alimentação barata e saudável
24. Terapia animal



Cultura

28. Incentivo ao turismo
31. Resgate na história da região

Direto da Redação

Opinião - Greve nas Universidades:

Uma luta por direitos

Foto: Jéssica Reis



Por Ana Cristina dos Santos¹

A primeira greve que se constituiu como um marco de mobilização da comunidade da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro aconteceu em 1979, resultado das reivindicações dos estudantes por maior segurança no campus, melhoria no atendimento médico e no Posto de Saúde. Essas reivindicações ocorreram logo após o trágico acidente que resultou na morte do estudante George Ricardo Abdala, atropelado na rodovia BR 465, em frente ao campus da universidade.

Tratava-se de reivindicações simples, mas a direção do Instituto de Zootecnia e a Administração Superior, representada pelo Reitor Arthur Orlando da Costa, tratou de forma opressora o movimento iniciado por cerca de 300 alunos do Instituto de Zootecnia que entraram em greve de protesto por 15 dias. O diretor do IZ remeteu o pedido de demissão do professor Walter Motta Ferreira ao reitor, que sem sequer ouvir o professor e apurar os fatos, encaminhou para o

departamento de pessoal a demissão do docente, que estava envolvido nesse movimento e era amigo do estudante morto no acidente.

Esse episódio tomou conta da universidade por quase um ano e marcou fortemente a história da Associação de Docentes da UFRRJ (ADUR-RJ) que na época tinha apenas três meses de fundação e contava com uma diretoria provisória. Foi um período marcado pela violência das punições arbitrarias com professores cassados, demitidos e aposentados pelos atos de exceção no País, anos caracterizados pela ditadura militar, mas também de grande mobilização e organização da classe trabalhadora.

No ano de 1980 acon-

teceu a primeira Greve Nacional dos Docentes dirigida pela Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior (ANDES-SN) e envolveu 19 universidades autárquicas e mais 7 escolas. A pauta tinha como reivindicações: 1) reposição salarial de 48% retroativa a março de 1980; 2) um novo plano de carreira; 3) verbas para a educação até atingir a 12% do orçamento da união; 4) reajuste salarial semestral; e 5) revogação imediata do Decreto Lei (DL) 6733/79. A greve durou 26 dias e como resultado em 11/12/80 foram publicados o DL n. 820 e o Decreto n. 85.487, estabelecendo um novo plano de carreira do magistério superior das Instituições Federais Autárquicas e o reenquadra-

mento dos docentes.

Os anos seguintes vão ser marcados por sucessivas mobilizações sobre as investidas do governo federal contra a universidade pública. A resistência dos docentes é organizada em diferentes formas de mobilização, como a produção de documentos denunciando o interesse do governo em destruí-la; pressões no Congresso Nacional, evitando que projetos privatizantes sejam aprovados; realização de atos públicos para esclarecer a população sobre as intenções do governo. As greves são utilizadas como recursos extremos e sempre são precedidas por políticas de arrocho salarial e pela apresentação sistemática de propostas de desmantelamento do serviço público no País e de privatização das universidades. (Chaves, 1997).

A década de 90 e os anos de 2000 são marcados por uma política de Reforma do Estado, cuja concepção é de reduzir cada vez mais os gastos da união em investimentos públicos. A reforma do estado é idealizada por

Luiz Carlos Bresser- Pereira que a convite do presidente Fernando Henrique Cardoso assume o Ministério da Administração Federal e Reforma do Estado (MARE). Foi um Governo caracterizado por total ausência de Concursos Públicos, onde as vagas de docentes nas universidades eram preenchidas por professores substitutos.

O Governo de Luis Inácio Lula da Silva vai ampliar uma série de programas sociais, que tiveram início na gestão de Fernando Henrique Cardoso, como instrumento para justificar o modelo econômico do país e a retirada de milhões da miséria. No entanto, na esfera dos serviços públicos a política obedece a mesma lógica do “fazer mais por menos”, apesar de implementar programas como o REUNI (Apoio a Planos de Reestruturação e Ampliação das Universidades Federais). Este programa, criado no ano de 2007, promoveu a expansão das universidades públicas, ampliou o número de vagas e contratou muitos docentes, mas também acentuou os problemas referentes às condições de trabalho, fragilizando cada vez mais o projeto de universidade que tem o ensino, a pesquisa e a extensão como princípios indissociáveis.

O movimento docente e o movimento estudantil lutaram contra este tipo de projeto de expansão, denunciando os seus prejuízos para a universidade pública federal conduzida através de metas estabelecidas pelo governo no acordo com as IFES.

No ano de 2010, o Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão (MPOG) encaminhou, na forma de Minuta de Projeto de Lei, a Reestruturação da Carreira Docente das IFES. A meta era colocar a carreira do Magistério Superior dentro da mesma estrutura das demais carreiras do Serviço Público Federal, ou seja, uma carreira consolidada em metas produtivistas.



A partir das deliberações das Assembleias de base da categoria, em dezembro de 2010 o ANDES-SN encaminhou ao Secretário de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão – SRH/MPOG as resoluções do Setor das Federais que trazia a rejeição pela categoria à minuta do PL sobre carreira docente apresentada ao Sindicato. Nesse documento, o ANDES-SN reafirmou os prin-

“Em questão está a defesa por uma universidade pública, gratuita, autônoma, democrática e de qualidade”

cípios já apresentados ao governo sobre os quais o movimento docente compreende a carreira.

Em março de 2011 o ANDES-SN protocolou no MPOG e no Ministério de Educação (MEC) o Projeto de Carreira aprovado no Congresso do Sindicato em fevereiro desse mesmo ano. A partir desse ato um conjunto de ações para abertura de negociação do projeto de carreira foi realizado pelo movimento docente. Por fim, sobre pressão de ameaça de greve da categoria o Governo apresentou em agosto de 2011 uma proposta de acordo que trazia a incorporação ao Vencimento Básico, à Gratificação Específica do Magistério Superior (GEMAS) e à Gratificação Específica de Atividade Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (GEDBT), reajuste de 4% e um Grupo de Tra-

balho sobre Carreira com oficinas que deveriam se concluídas até 31 de maio de 2012.

No entanto, durante o período que deveria acontecer as reuniões do Grupo de Trabalho de carreira o governo apresentou-se de forma desrespeitosa a categoria e não cumpriu o acordo estabelecido. No dia 17 de maio de 2012 os docentes entraram em Greve com a seguinte pauta: 1) reestruturação da carreira; 2) condições de trabalho nas IFES.

Na mesma semana os estudantes das universidades federais de todo o País entraram em greve em apoio aos docentes, por mais verba para educação e melhores condições nas universidades. Algumas semanas após os técnicos administrativos das universidades federais também entraram em greve por reajuste salarial e, em alguns casos, como na UFRRJ, uma pauta interna que trazia como reivindicações melhores condições de trabalho.

As greves nas universidades assumem o caráter de luta por direito trabalhista, ao pautar como reivindicações melhores salários e condições de trabalho, mas também um caráter político, na medida em que este movimento está associado à luta por direitos sociais.

Em questão está a defesa por uma universidade pública, gratuita, autônoma, democrática e de qualidade socialmente referenciada.

◆
¹Professora Associada da UFRRJ,
 Presidente da ADUR-RJ

Amazônia em pauta

Alunos ampliam área de estudos para a região norte do país

Foto: Natália Figueiredo



Integrantes do GEA em reunião no restaurante Erva Doce, o grupo trabalha por uma formação alternativa, somada a tradicional, em prol da geração de renda através do manejo sustentável

Por Natália Figueiredo

O Grupo de Estudos da Amazônia (GEA) nasceu em 2004, por iniciativa de estudantes da graduação que viam necessário uma alternativa pedagógica ao modelo acadêmico das disciplinas agrárias. Os alunos pretendiam promover uma formação profissional compromissada com a realidade social do país, uma formação completa e não somente para atender as grandes empresas donas do capital.

Os participantes encontram-se uma vez por semana para discutir temáticas sobre a Amazônia, agricultura familiar, política, meio ambiente, cultura, educação, comunidades extrativistas, etc. Promovem estudos, seminários – ao menos uma vez por mês –, vivências e trocas de experiências.

Edilene dos Santos Portilho, doutoranda em Educação pela UFF e bacharel em Ciências Agrícolas pela UFRRJ, é representante do grupo e explica que é preciso problematizar o meio acadêmico para fugir da formação hegemônica montada para atender aos projetos capitalistas. Para ela, existem alternativas tão rentáveis quando os métodos tradicionais, mas que não são abordados. “Nós procuramos abordar temas que estão longe do cotidiano da universidade, questões político-sociais para formar uma consciência crítica, não só técnica. Assim, quando o profissional for exercer uma função técnica terá consciência para decidir de que maneira seguir”, afirmou.

Portilho comenta ainda que o grupo se fortalece em uma formação humana, na valorização de pessoas.

Foto: Divulgação

Por isso procuram, em seus estudos, conhecer as diferentes realidades sociais, culturais e ecológicas do campo.

O GEA pauta-se nos seguintes princípios ideológicos: autonomia para fazer escolhas sobre o tipo de educação que se acredita e que se busca para si próprio; Educação orgânica - todos os seres humanos têm algo a ensinar, algo que de alguma forma irá contribuir com a formação dos outros e Aprendizado como um fenômeno espontâneo, complexo e sensitivo.

“O projeto desenvolvimentista que foi imposto na Amazônia só serviu para degradar e matar as populações e nós precisamos sentir na pele um pouco dessa experiência. Os estudantes que entram aqui (na Rural) não conhecem essa realidade, vem de zonas urbanas, então, não tem essa consciência de um projeto diferente”, acrescentou Portilho.

Vivenciar para cuidar

Em 2006 pequenas excursões foram feitas por participantes do grupo isoladamente pela região norte do país e essas foram essenciais para o amadurecimento do grupo e para definir a metodologia que seria utilizada. Com base nessas experiências no Tocantins, foi possível garantir o 1º Estágio de Vivência Ação-Integração: Abordagens Múltiplas na Amazônia Oriental em 2007. Unindo parcerias conquistadas com a Associação Regional das Casas de Familiares Rurais (ARCAFAR/PR), um grupo de 17 alunos vivenciou o modo de vida e trabalho de famílias do estado do Pará. Depois em 2009, uma intervência, dessa vez jovens da região norte vieram para a Universidade Rural conhecer e trocar experiências. No entanto, o grupo percebeu que nenhuma vi-



Jovens da zona rural chegam ao Rio para participar de intervência

vência pode ter grandes resultados sem acompanhamento posterior e assim fizeram, em 2010 houve o retorno às áreas visitadas para dar continuidade aos projetos desenvolvidos.

“O manejo sustentável pode gerar tanta renda, de uma forma mais cuidadosa, quanto os modelos tradicionais, mas as empresas só pensam em fazer o mais fácil e rápido, e é esse modelo que a academia repassa”, acrescentou Wander Favilla, membro do grupo e aluno de Engenharia Florestal.

O grupo acredita que enquanto o aprendizado dos conteúdos nas ciências agrárias não formarem ponte para fora da sala de aula e chegar à realidade do meio rural, considerando o máximo das variáveis que compõe esta realidade, o aprendizado será oco, insustentável. E também será reproduzido de uma extensão rural e assistência técnica inadequada, que se viu até hoje no Brasil. E essa crença é o que os motiva depois de oito anos de fundação a continuar. Além das gran-

des vivências um espaço de formação diário muito importante para os alunos tem sido a Fazendinha Agroecológica da Embrapa, parceira direta nos projetos do GEA. “Esse é um diferencial na formação pessoal de todos, independente do curso”, concluiu Edilene Portilho.

O grupo reúne-se todas às terças-feiras à tarde na sala do GEA ou no espaço do restaurante Erva Doce. O contato é: geaufrrj@yahoo.com.br. ◆

Foto: Natália Figueiredo



Edilene Portilho acredita na formação alternativa

Educação para o consumo

Alunas de Economia Doméstica dão aulas de consumo consciente para crianças

Por Natália Figueiredo

Em um mundo onde tudo se tornou descartável e o consumo aumenta em ritmo industrial é preciso criar consciência do que realmente faz-se necessário adquirir. Nessa perspectiva, a professora Patrícia Freitas do departamento de Economia Doméstica, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e de algumas bolsistas, orientou o projeto Educação para o consumo: uma proposta de reflexão e ação com os diferentes sujeitos do Centro de Atenção Integral à Criança – CAIC Paulo Dacorso Filho.

Iniciado em 2010 e prorrogado por mais um ano, o projeto visa integrar, na grade de disciplinas escolares, a matéria consumo consciente. Com intuito de alertar crianças e adolescentes sobre os prejuízos da aquisição desenfreada e, dessa forma, levar as ideias para suas casas e para suas vidas futuramente. O gru-

“Nós conversamos com as crianças que ninguém é melhor ou pior por causa do que consome”

po propõe por o tema em debate nas salas de aula, antes da pretensão de ensiná-lo. “Iniciamos as aulas, com os alunos, quando surge o dinheiro, o escambo, fazendo alusão à troca de figurinhas – algumas mais valiosas que outras -; até o planejamento de compras de mês com a pesquisa de preços. Tudo sempre de uma forma lúdica. Explicamos também a importância da nota fiscal, do direito do consumidor, Procon, do descarte etc”, destaca Freitas.

Esse é um trabalho de base, já que o grupo entende que é muito mais fácil dialogar com crianças do que com um adulto que nunca fez pesquisa de preço na vida e se baseia unicamente em marcas conhecidas. “Nós conversamos com as crianças que ninguém é melhor ou pior por causa do que consome, já que isso é muito forte na infância”, contou Suzane Coelho, bolsista há dois anos no projeto.

Foto: Divulgação



Pelo Brasil

Em 2010, Suzane Coelho apresentou o projeto Educação para o Consumo no XXI Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, em Recife, PE

A criança hoje é vista pelo marketing como ator social do consumo. Como consumidor para si, como influenciador e como consumidor do futuro. Então, torna-se o foco de todas as propagandas publicitárias. Nesse sentido é preciso ensiná-la a distinguir o essencial do ilusório a fim de promover o tão falado: consumo consciente. “Reconhecemos que a abordagem da educação financeira pode, em longo prazo, representar mudanças que apontem para a formação de um consumidor cidadão, que esteja preocupado não apenas para avaliar a relação econômica envolvida no consumo. A questão do consumismo infanto-juvenil deve ser uma questão assumida em sua complexidade pela família, escola e sociedade como um todo especialmente se assumida nas perspectivas econômicas, ambiental, social e ética”, explicou Freitas.

Além das fronteiras do Caic

O projeto foi muito bem recebido pelos professores do CAIC, que fizeram parceria em suas disciplinas com as bolsistas e até virou tema de prova. Promove a reflexão e os alunos passam a ter um olhar mais crítico sobre o tema. A experiência em 2010 foi com adolescentes das turmas de 6º, 7º e 8º ano de escolaridade e em 2011 com crianças do 4º, 5º e 6º ano. Hoje, em 2012, o grupo continua vinculado à extensão da UFRRJ e busca parceria com a prefeitura de Seropédica, a fim de levar a iniciativa a

“Às vezes parece que só o Caic se beneficia das parcerias com a Rural, queremos disseminar essas ideias em mais escolas da rede pública”

outras escolas do município como nome: Educação financeira e consumo sustentável: ações com estudantes de Seropédica. “Às vezes parece que só o Caic se beneficia das parcerias com a Rural, queremos disseminar essas ideias em mais escolas da rede pública”, diz Patrícia.

A professora destacou ainda, que a partir da iniciativa os alunos participantes do projeto passaram a compreender melhor os temas relacionados ao consumo. Ao longo das atividades as crianças falavam mais sobre o cotidiano delas relacionando com alguns temas abordados em sala. “Todas foram muito receptivas conosco e apesar da faixa etária falam como “pequenos adultos”, são muito comunicativos, o que facilitou o processo” concluiu.

A proposta pedagógica foi apresentada em Porto Alegre - RS, durante o Vº Congresso Brasileiro de Extensão Universitária e no XXI Congresso Brasileiro de Economia Doméstica, em Recife - PE só em 2011. ◆

Sala de aula Atividades com pesquisa de preços em encartes de mercados

Foto: Arquivo Pessoal



Pelo Brasil Suzane Coelho, Patrícia Freitas e equipe durante o 4º Encontro Juventude, Consumo & Educação, ESPM, em Porto Alegre, RS, em uma das apresentações do projeto

Foto: Divulgação



As armadilhas do consumo

Promoções, parcelas a perder de vista, moda e busca por status seduzem os consumidores

Por Jéssica Reis

O consumo exagerado é uma marca cultural da sociedade contemporânea, em que prevalece a regra do “ter pra ser”. Não há saciedade em apenas consumir o necessário; existe ainda a necessidade de esbanjar. E os atrativos são muitos: descontos relâmpagos, liquidações malucas, festas de final de ano e todas as datas comemorativas que no geral, incentivam a comprar.

Especialistas no assunto, professores da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) opinam sobre as possíveis causas da sedução pelo consumo. Pesquisador na área de Economia Regional e Urbana, com foco em políticas públicas e gestão social, o professor Lamounier Erthal Villela afirma que o atual conceito de felicidade está atrelado à ascensão social do indivíduo. Dessa forma, o ‘sucesso pessoal’ caminha em paralelo à classe social a que pertence o indivíduo, ao bairro em que reside, ao carro que utiliza, e assim por diante.

“Colocamos uma etiqueta em tudo o que

consumimos, e assim, em uma escala perversa, tentamos nos ‘diferenciar’ socialmente de acordo com o que o nosso dinheiro pode comprar”, reforça o professor Leandro Dias de Oliveira, do Departamento de Geociências da UFRRJ.

Aliada ao consumo desmedido, está a estratégia econômica de produzir itens com vida útil curta, o que gera compradores assíduos, pois, nessa lógica, o produto de melhor qualidade sempre será o que está por vir. Além disso, os produtos importados – com preços cada vez mais baixos – são atraentes, principalmente para o consumidor que usa a internet.

“Na atual sociedade, não se pensa na satisfação de necessidades (nem presentes, nem futuras), mas sim na aceleração do consumo, cada vez mais violento e incapaz de nos satisfazer”, afirma Oliveira, que conclui “Esse é o novo consumidor brasileiro, cuja primazia é consumir, e muito! Isso é o que lhe confere cidadania, ou seja, o que veste, o que possui. E com a expansão do crédito a passos largos,

esse processo se tornou desenfreado”.

O crédito fácil

A tentação do crédito fácil tem sido culpada por estourar o orçamento dos brasileiros. Villela destaca os efeitos perversos, e chama atenção para o valor dos juros. “Já virou senso comum apontar como torpes as taxas de crédito que aqui são praticadas: se paga dois automóveis na compra de um, sendo que um deles se configura apenas como juros!”, desabafa o economista.

No Brasil, em especial, o prazo para pagar é curto e as taxas de juros são as mais altas do mundo (7,5% em agosto de 2012, segundo o Banco Central do Brasil)..Enquanto esse processo se acelera, os economistas temem cada vez mais a inadimplência do brasileiro: cerca de 40% da população não tem condições de pagar as dívidas, com base nos dados do Índice de Expectativa das Famílias, divulgado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA).

A sedução ao consumo acontece de diferentes maneiras. Há quem atribua esse estímulo às

propagandas publicitárias ou à moda, que ao renovar suas coleções, renova também os guarda-roupas. Apesar disso, existe ainda a possibilidade de ser fruto de uma disfunção patológica.

“Para evitar que o problema atinja esse grau de complexidade, a solução é saber a medida certa para consumir bens que tragam melhorias efetivas na condição de vida e que sejam obtidos de maneira consciente”, recomenda Lamounier Villela.

Para Dias, ninguém está imune ao acelerado processo de consumo. Segundo ele, como a questão está voltada para a estrutura familiar, o transtorno maior é fazer de sua casa um grande palco de diálogos voltados apenas para o que se deve comprar! “Há muito mais em jogo quando se pensa no cotidiano da família”, reflete o professor.

É necessário o desenvolvimento de um consumo sustentável que, de acordo com ambos os professores, se produz fundamentalmente nas universidades.



90 ANOS DE MODERNISMO

Grupo comemora os 90 anos da Semana de Arte Moderna de São Paulo com palestras, seminário e curso de extensão

Fotos: Divulgação



Frevo, pintura de Cândido Portinari, o artista pintou cerca de cinco mil obras, desde pequenos esboços a gigantescos murais. Nenhum pintor brasileiro alcançou maior projeção internacional do que Portinari

Por Jéssica Reis

O grupo “Discursos: História, Literatura e Memorialismo em interfaces contemporâneas” (UFRRJ/CNPq) - inicialmente voltado para pesquisa - surgiu como parte prática de uma disciplina do Curso de Letras em 2010. O projeto foi planejado e realizado pelos professores Roberto Bozzetti, Regina Lúcia Faria, Cláudio de Sá Capuano e Valeria Rosito, entre outros docentes do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) e do Instituto Multidisciplinar (IM), teve suas atividades ampliadas e, posteriormente, culminou em um curso de extensão e um seminário.

O curso de extensão “Semana de Arte Moderna de 1922 e outras vanguardas”, iniciado em abril, foi designado para qualquer

pessoa interessada em desbravar a literatura e, especificamente, o Modernismo brasileiro, outras vanguardas, neo-vanguardas e

pós-vanguardas. “Além dos 90 anos do modernismo brasileiro, nossa proposta teve como força a continuidade de uma prática iniciada com o I Seminário Discursos em Interfaces Contemporâneas: Clássicos revisitados e com o curso de extensão”, contou a professora Regina Lúcia Faria.

Para tanto, o curso contou com a participação de docentes dos cursos de Letras e Belas Artes do ICHS e do IM da Rural, além do envolvimento da Universidade Federal de São João Del Rei, das Universidades Estadual e Federal do Rio de Janeiro e do Colégio Pedro II. Dentre os estudantes,



“Foi ótimo, adorei. Debates grandes referências no cenário da Literatura que nos ensinaram muito, contou Helga Hagen”

mesmo com a greve das universidades, manteve-se a frequência de vinte membros por reunião e a aluna Helga Hagen, já envolvida com o tema, integrou-se ao grupo como bolsista do Decanato de Extensão (ProExt). “Sempre tive muito interesse em literatura brasileira e, por isso, ainda no meu segundo período de curso, fui indicada pelo professor Bozetti para ajudar no grupo e nos futuros eventos como bolsista da ProExt”, explicou a aluna de Letras da Rural.

As reuniões foram realizadas tanto no campus Seropédica, como em Nova Iguaçu, com uma hora

de duração, de 2 a 3 vezes por semana.

O Seminário

Além da realização do curso, outro objetivo do grupo foi ter como desdobramento, um II seminário, realizado de 3 a 6 de setembro de 2012, no campus Seropédica.

Ao reexaminar a proposta modernista de ampla renovação e remodelação da inteligência nacional, o seminário pretendia, entre outras coisas, numa atitude retrospectiva, observar criticamente o impacto e contradições do movimento no contexto cultural da época e, assim, discutir seu legado para as gerações futuras.

“A troca é incrível. Ter tão perto alguns dos nossos grandes inspiradores é algo extraordinário que nos dá motivação”

Ao todo, foram 183 inscritos e 54 trabalhos apresentados. Os ouvintes, em sua maioria, foram universitários da rural e pesquisadores do tema. Já os palestrantes, foram convidados de instituições interestaduais e internacionais.

Tanto para os alunos, quanto para os docentes, o sucesso do evento foi inquestionável. “Eu achei óti-

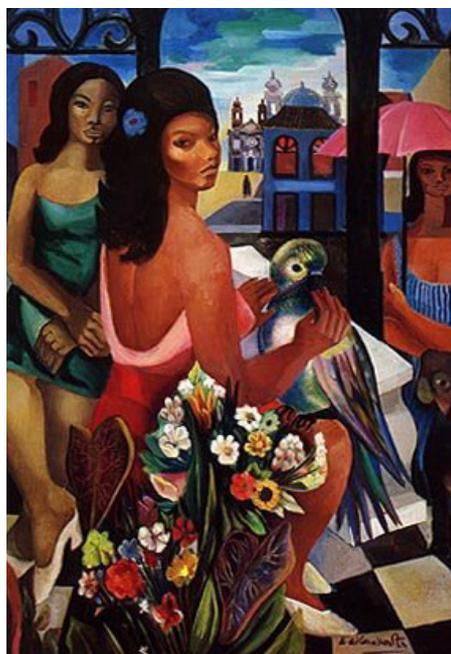


Grupo durante abertura do Seminário 90 Anos de Modernismo e Outras Vanguardas



Operários, obra de Tarsila do Amaral. A artista foi uma das figuras centrais da primeira fase do movimento modernista brasileiro.

mo. Foi um grande acontecimento não somente para alunos, como para os professores. Em tempos de greve, reunimos muita gente interessada no tema, além da presença de pesquisadores renomados”, afirmou a professora Regina Lúcia Faria. E concluiu dizendo que o apoio da universidade a esse tipo de ação é fundamental. “Além da concessão de bolsa para a monitora, a ProExt nos auxilia na feitura dos certificados de participação.



Contamos também com a ajuda da Imprensa Universitária e da Reitoria”, contou.

Para Helga Hagen, esse sucesso deveu-se ainda ao trabalho em equipe e à integral cooperação dos envolvidos. “O saldo foi positivo. A universidade, junto ao evento, ganhou prestígio. Os professores convidados elogiaram nossa estrutura e organização. Realizar um evento desse porte não é fácil. A ProExt nos deu total suporte para que esse sucesso acontecesse”, contou, com entusiasmo, a aluna.

Obras de arte
Pintura: “Mulheres, flores e araradi”, do artista Cavalcanti, um dos idealizadores da semana de 22

Poesia

O poeta contemporâneo Antônio Cícero foi um dos convidados mais esperados do evento. Em sua palestra, o poeta discursou abertamente sobre o tema “O modernismo e a modernidade da poesia de Carlos Drummond de Andrade”, que lhe rendeu muitos aplausos e fotografias.



“O PAÍS DAS MARAVILHAS”, Antônio Cícero

Não se entra no país das maravilhas
pois ele fica do lado de fora,
não do lado de dentro. Se há saídas
que dão nele, estão certamente à orla
iridescente do meu pensamento,
jamais no centro vago do meu eu.
E se me entrego às imagens do espelho
ou da água, tendo no fundo o céu,
não pensem que me apaixonei por mim.
Não: bom é ver-se no espaço diáfano
do mundo, coisa entre coisas que há
no lume do espelho, fora de si:
peixe entre peixes, pássaro entre pássaros,
um dia passo inteiro para lá.

Tecnologia verde a serviço da pesca

Extensão, pesquisa e prefeitura se unem para resgatar a pesca artesanal em Itaguaí e agregar valor a renda de muitas famílias

Fotos: Natália Figueiredo



O Centro, inaugurado em 2011, pretende atender pescadores de diversas colônias de Itaguaí, como Ponte Preta, Rio da Guarda, Canal do Trapiche e Ilha dos Martins

Por Natália Figueiredo

A pequena colônia de pescadores da Ilha dos Martins, localizada na baía de Sepetiba, foi o pivô e a grande motivação para a criação de um sonho existente desde 2008, o projeto: “Produção de Alimento Marinho na Colônia de Pescadores da Ilha dos Martins – Itaguaí, RJ”. A iniciativa é uma parceria da Pró-Reitoria de Extensão da UFRJ, o CNPq e a Prefeitura de Itaguaí, através da Secretaria de Meio Ambiente, Agricultura e Pesca (SEMAAP), em que técnicas milenares são implantadas para garantir o sustento de famílias pesqueiras.

A cidade do porto, nos últimos anos, foi contemplada com programas do governo federal, como aceleração do crescimento, duplicação da Rodovia Rio-Santos e a construção do Arco Metropolitano, ligando

Itaboraí a Itaguaí. Apesar disso, os pescadores da Ilha dos Martins continuaram esquecidos e na penúria. São cerca de 30 famílias, literalmente ilhadas, dentro de uma região próspera, mas sem dispor de energia elétrica e água potável suficiente. Os que ainda insistem em viver na ilha sobrevivem da pesca artesanal, cuja produção é entregue aos atravessadores a preço módico, por não terem eletricidade ou gelo para conservar o pescado.

O projeto propôs a instalação de uma unidade artesanal para processamento de pescado, utilizando como método de preservação a salga seca, a defumação e o aproveitamento dos resíduos gerados. Como fonte de energia, no entanto, serão utilizados os recursos energéticos naturais: a energia solar e eólica. As

Plano

Sustentabilidade
Aerogerador, construído na Rural e
instalado na SEMAAP, fornece energia
limpa ao Centro de Salga e Sacagem de
Pescado



placas solares e aerogeradores utilizados na unidade foram construídos dentro da universidade, com apoio de alunos e professores. Uma experiência única para estudantes e uma ação social extensionista completa.

Os produtos gerados visarão o consumo próprio e a comercialização dos excedentes diretamente pelos pescadores a turistas que visitam a ilha e a pequenos comerciantes da região. Os resíduos originados após o processamento, como cabeça, pele, vísceras, aparas e carcaças, assim como peixes machucados serão beneficiados para produção de silagem e farinha de peixe. “Essa é uma grande chance, queremos mostrar que vale a pena sair da mão do atravessador. Agregar valor e qualidade ao produto deles, através de um modelo alternativo”, afirmou a professora Gesilene Mendonça, atual subcoordenadora do projeto e zootecnista.

Um passo de cada vez

O projeto ao todo contou com duas etapas de preparação. A primeira idealizada em 2008, pelo professor Roberto Precci, chamava-se: Utilização das energias solar e eólica como alternativa para a conservação do pescado capturado artesanalmente na colônia de pescadores da ilha dos Martins – Itaguaí, RJ. Essa etapa foi desenvolvida em sua maior parte dentro da Universidade Rural, e se deu pela montagem dos equipamentos necessários para implantar o sistema

de secagem para peixes. Dessa forma, seria possível produzir alimentos saudáveis, aumentar a durabilidade do pescado e oferecer alternativas para melhoria da qualidade de vida e renda familiar dos pescadores. “70% das infecções alimentares são causadas pela manipulação incorreta do pescado, queremos ensiná-los técnicas de secagem, mas também capacitá-los com boas práticas de manipulação desde a captura”, diz a zootecnista.

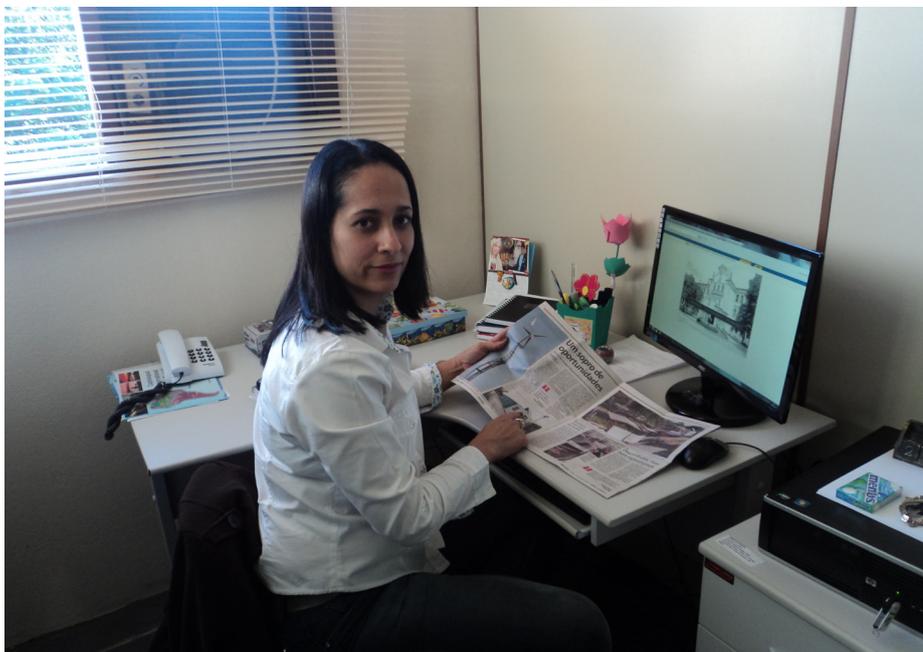
A segunda fase começou em 2010, coordenada pelo prof. Pedro Paulo de Oliveira Silva, chefe do laboratório de pescado do Instituto de Tecnologia (IT) da UFRRJ, e dessa vez com ênfase na produção

Queremos ensiná-los técnicas de secagem, mas também capacitá-los com boas práticas de manipulação

de alimento marinho. Com o aerogerador e as duas placas solares prontas, o Centro de Salga e Secagem de Pescado pode ser construído e instalado na sede da SEMAAP, com proporção maior do que a planejada e assim atender mais colônias pesqueiras. “Com a parceria da secretaria o resultado foi ainda melhor, conseguimos instalar em um lugar de maior acesso



Roberto Precci, idealizador do projeto, retornou a Itaguaí para ministrar palestra sobre o funcionamento das energias eólica e solar à pescadores atendidos pelo centro de secagem



Gesilene apresenta reportagem no caderno Zona Oeste do jornal Extra sobre a instalação do Centro de Secagem

para atender mais comunidades pesqueiras e pesquisadores que queiram visitar”, explicou Precci. O espaço conta com salas de limpeza, viciação, salga e secagem do pescado.

“Os aerogeradores geram energia, acionam os ventiladores da sala de secagem, que puxam o ar quente gerado pela placa solar para a câmara de secagem e assim secam o peixe. Isso possibilita, por exemplo, que peixes muito encontrados

na região e sem valor comercial como o Bagre Amarelo, vire Mulato Velho que custa aproximadamente R\$15,00”, explicou Priscila Massi, diretora de Pesca da SEMAAP e parceira do projeto. Como o clima na região tanto solar como o vento são instáveis o processo passa por testes para encontrar a temperatura e velocidade do vento ideais. Depois de secos, os pescados vão para a Rural passar por avaliações de qualidade nos laboratórios, até ficarem ideias para o consumo.

A diretora do projeto acredita que até o final de julho os testes devem ser encerrados e os cursos de capacitação para os pescadores poderão ser iniciados. “A intenção é ensinar a todos as técnicas para que futuramente eles mesmos possam gerir esse processo em conjunto na SEMAAP”, acrescentou Gesilene Mendonça.

Além da prestação de serviço à comunidade, o centro também está sendo útil para ilustrar as aulas de segurança alimentar. “Na Rural não existe um espaço tão preparado para a secagem de peixe, então

procuro trazer os alunos aqui para conhecer”, completa.

A importância de disseminar boas ideias

O projeto extensionista do Centro de Salga e Secagem de Pescado chamou tanta atenção que até prefeituras e professores de outros municípios interessaram-se em conhecer melhor a ideia e levá-la para seu local de origem. Marcelino Rufino, professor do Instituto Federal do Maranhão, esteve na cidade junto com a professora Gesilene conhecendo a SEMAAP e a tecnologia desenvolvida no centro. Rufino pertence à cidade de Raposa, onde existe um grande polo pesqueiro, para onde pretende levar a ideia. “Em minha cidade a temperatura e a velocidade do vento são mais constantes que aqui, tem tudo para o projeto se desenvolver bem”, assegurou.

Durante a visita de Rufino também acontecia a comemoração do aniversário da cidade de Itaguaí, na qual estavam sendo realizados shows no parque de eventos e oficinas na SEMAAP. Algumas dessas

Queremos mostrar que vale a pena sair da mão do atravessador

oficinas eram direcionadas aos pescadores e familiares, como: Defumação de mexilhão em conserva, Artesanato com escamas de peixe, Artesanato com conchas, Piscicultura e Culinária de Pescado. Hoje, toda iniciativa em prol da vida marinha e do sustento da comunidade pesqueira tem recebido boa aceitação, já que a perda de espaço que a pesca artesanal sofreu na cidade devido à instalação do Porto Sul foi gigantesca. “Muitos maricultores e pescadores na prática não conseguem mais viver só da pesca, estamos apresentando alternativas para agregar valor aos produtos e resgatar essa cultura naquele local”, finalizou a subcoordenadora. ◆



Colar feito de escama de peixe durante oficina de artesanato para pescadores na Expo 2012

Todos pela produção orgânica

Programa extensionista une alunos e professores para difundir o processamento orgânico de alimentos na agricultura familiar

Fotos: Divulgação



Alunos transplantam mudas do projeto na Escola Municipal Dr. Aurelino Gonçalves Barbosa, Pirai-RJ

Por Jéssica Mazza

É com muito orgulho que a professora doutora Maria Ivone Barbosa fala do projeto “Capacitar para gerar”. Iniciativa que visa auxiliar camponeses de agricultura familiar de assentamentos de Seropédica no processamento de alimentos orgânicos. O projeto conta com o apoio de outros professores, alunos de graduação e pós-graduação, ele foi criado em 2010 com incentivo do programa Universidade Solidária do Banco Santander, em 2011 recebeu recursos do MEC após submeter-se ao edital nº4 MEC/PROEXT através da Pró-Reitoria de Extensão e vem aumentando a cada etapa.

O programa tem como objetivo capacitar trabalhadores de agricultura familiar no processamento de alimentos orgânicos para melhorar a qualidade e a padronização dos produtos. Criado a princípio para tratar apenas da colheita e do processamento de vege-

tais, o projeto hoje vai além, cuida da terra, das mudas e passou a fazer também o controle de qualidade de produtos de origem animal, como ovos e laticínios. As atividades teóricas e práticas acontecem na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e nas propriedades rurais.

A base do projeto é a padronização dos alimentos, a melhoria da qualidade nos aspectos físico-químicos e microbiológicos e a segurança do alimento. Para tal, são realizadas análises de caracterização e controle de qualidade nos laboratórios do Departamento de Tecnologia de Alimentos (DTA/UFRRJ).

O programa auxilia no plantio e manejo da terra, que não recebe agrotóxicos, além de buscar promover o uso responsável da terra, da água e do ar. Após as etapas de produção, o programa multidisciplinar propõe melhorar a gestão do negócio e o empreendedo-

rismo dos agricultores, visando a ampliação da renda e a permanência dos jovens no campo.

Uma questão importante da agricultura familiar na atualidade é a permanência dessa população no campo. Com a produção de alimento em grande escala e a competitividade nos mercados, grande quantidade de jovens perdem as esperanças de seguir no campo e migram para as cidades. O “Capacitar para gerar” vê nos produtos orgânicos uma saída para este problema. Os pequenos agricultores podem dar a devida atenção e cuidados aos alimentos orgânicos que a produção

em grande escala não proporciona. Em contrapartida, com maior dedicação do produtor e mercadoria com mais atrativos, essa produção

Com a produção de alimento em grande escala, muitos jovens perdem a esperança de seguir no campo. O “Capacitar para gerar” vê nos produtos orgânicos uma saída para este problema

tem o preço mais elevado e proporciona um lucro maior.

Todos os agricultores, que par-

ticipam do programa, tem certificação da ABIO – Associação de Agricultores Biológicos do Estado do Rio de Janeiro, que lhes concede garantia de qualidade pelo Ministério da Agricultura. A associação também os insere no Circuito Carioca de Feiras Orgânicas, que acontece em bairros das zonas sul e norte da capital fluminense.

“Neste programa temos a participação direta de 14 alunos de graduação de diferentes cursos - Engenharia de Alimentos, Economia Doméstica, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Agronomia, Engenharia Agrícola, Direito,



Extensionistas durante etapas do processo de compostagem

Arquitetura & Urbanismo e Administração-, dois de pós-graduação do Programa de Ciência e Tecnologia de Alimentos da UFRRJ, três professores do Departamento de Tecnologia de Alimentos (Maria Ivone, José Lucena e Tatiana Saldanha) e 15 produtores do Serorgânico e suas famílias que, sem dúvidas, ensinam e aprendem durante as atividades do projeto. Indire-

tamente, porém, 500 alunos da Escola Estadual Municipalizada Santa Sofia, de Seropédica, e 250 alunos da Escola Municipal Dr. Aurelino Gonçalves Barbosa, Piraí-RJ, se beneficiam com o projeto como consumidores e disseminadores em potencial, além de toda a comunidade universitária”, destacou Maria Ivone Barbosa



Comércio

A partir do controle de qualidade e padronização dos alimentos, o programa possibilitou a inauguração do quiosque Serorgânico

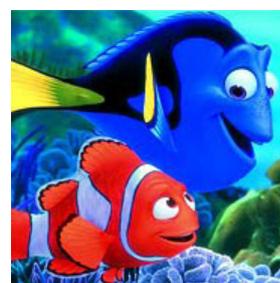
Experiências didáticas no campo da animação

Laboratório audiovisual propõe educar crianças por meio da imagem, com apoio de alunos de Belas Artes

Por Ana Carolina Brandão

Montar um laboratório audiovisual que permita maiores possibilidades de desenvolvimento nas relações entre ensino e pesquisa com foco na Educação Artística e que explorasse as potencialidades do audiovisual, era o desejo da professora da Belas Artes, Luciana Dilásio Neves. Diante disso, Luciana elaborou e, atualmente, coordenada o projeto “Laboratório da Imagem Audiovisual: Investigação das Possibilidades Didáticas do Ensino Artístico a partir da Inclusão dos Meios Audiovisuais”. O projeto propõe capacitar os alunos de escolas da educação básica conveniadas, a partir de experiências didáticas no campo audiovisual, em especial, da animação.

Selecionado e aprovado pelo edital nº5 MEC/PROEXT em 2010, o projeto, começou a realizar sua parte prática a partir deste ano, devido a atrasos na chegada de equipamentos. Porém, antes desta etapa, todo um trabalho no campo da teoria, com reuniões e debates sobre o tema, já havia



sido realizado. De acordo com Luciana, ao ser elaborado, o projeto considerou a perspectiva de trabalhar em paralelo ao PIBID – Belas Artes. Sendo assim, o subprojeto conta com a participação voluntária de alunos, por vezes relacionada aos bolsistas PIBID ou outros alunos do curso.

Além do PIBID, o projeto conta também com a participação e coordenação do professor Arthur Gomes Vale, do curso de Licenciatura Belas Artes, que já trabalhou anteriormente em outro projeto vinculado à animação, o “stop motion”, e coordena o projeto de extensão Anima Rural na UFRRJ. Os encontros entre os coordenadores e os alunos participantes têm ocorrido em locais provisórios, como a sala de professores e outros, pois o laboratório requerido, assim como os respectivos equipamentos, ainda não estão disponíveis. “Até o momento, os trabalhos desenvolvidos se relacionam a capacitação dos alunos envolvidos a partir de experimentações básicas no campo da animação”, disse a professora Luciana Neves. ◆

Alimentação saudável e barata

Professores e alunos da UFRRJ ensinam à população de Seropédica como tratar melhor os alimentos antes de consumi-los

Foto: Divulgação



Os extensionistas Márcio Andrade e Camilla Pereira, com o técnico em química, Victor França, durante as aulas sobre agrotóxicos.

Por Ana Carolina Brandão

Uma professora, dois alunos e um ideal: conscientizar a população de Seropédica sobre os riscos do consumo de alimentos contaminados por pesticidas. Essa proposta é do projeto “Lavagem e sanitização de frutas e hortaliças: avaliação da redução de pesticidas organofosforados”, coordenado pela professora Cristiane Martins Cardoso de Salles, do departamento de química, junto com os alunos Marcio Andrade e Camilla Souza, ambos do curso de Zootecnia da Rural.

Desde quando ingressou na UFRRJ, há três anos, e conheceu os trabalhos desenvolvidos pela Pró-Reitoria de Extensão, a professora Cristiane avaliou diversas possibilidades e concluiu que o desenvolvi-

mento do projeto seria de extrema relevância para a população de Seropédica. “O projeto proposto é totalmente válido pois, além de beneficiar todos os envolvidos, ele estreita os laços entre a Universidade e a sociedade”, contou Cristiane. Já com a ideia do projeto em mente, em 2010, a professora conseguiu o apoio da FAPERJ e pôde dar início aos trabalhos dentro da Rural. Hoje, além do fomento da FAPERJ, o projeto também é apoiado pelo programa BIEXT da Pró-Reitoria de Extensão. O aluno Marcio Andrade, por exemplo, já trabalhava há algum tempo com a professora, mas a partir da bolsa de extensão concedida ele pôde se envolver, de fato, no projeto. “Além de eu me sentir privilegiado em poder ampliar meu



conhecimento e compartilhá-lo com pessoas fora do meio acadêmico, eu recebo uma assistência financeira que me ajuda a me manter em Seropédica”, disse Marcio.

A partir de análises e experimentações feitas pelo grupo, em supermercados e feiras do município, foi observado que muitas hortaliças e frutas comercializadas encontram-se contaminadas por pesticidas. Desde então, com a colaboração dos professores João Bosco de Salles (professor de Bioquímica do Centro Universitário Estadual da Zona Oeste, UEZO), Jayme da Cunha Bastos (do Departamento de Bioquímica, da UERJ) e Mauro Velho de Castro Faria (do Departamento de Biologia Celular, também da UERJ) – que há algum tempo desenvolvem, junto à professora Cristiane, trabalhos como este – o grupo faz um trabalho de combate a esses

pesticidas, na região de Seropédica. “Como a maioria da população não têm acesso a alimentos orgânicos, que não contêm pesticidas, porém são muito mais caros, nós temos orientado as pessoas sobre os riscos do consumo de alimentos contaminados e como se deve lavar os alimentos de maneira a

“O projeto proposto é totalmente válido, pois estreita os laços entre a Universidade e a sociedade”

minimizar estes riscos a níveis desprezíveis”, contou Cristiane.

Através de aulas ministradas em escolas públicas da região – apresentando maneiras de higienizar esses alimentos – e distribuição de cartilhas que alertam para os riscos do consumo de alimentos contaminados, o trabalho consiste, basicamente, em verificar meios

simples e baratos de remoção de pesticidas de frutas e hortaliças. Assim, qualquer pessoa, em casa, pode preparar alimentos de forma saudável, reduzindo os malefícios causados pelos pesticidas – que na maioria das vezes, são desconhecidos pela população – e minimizar os riscos dessa contaminação. Porém, mesmo com todo esse trabalho de conscientização, esse problema ainda é recorrente. “Visto que muitos produtores não respeitam o período de quarentena na aplicação de pesticidas – tempo compreendido entre a última aplicação e a colheita destes alimentos – infelizmente esse tipo de contaminação ainda é um fato comum”, lamentou a professora.

O grupo se reúne regularmente no departamento de química da UFRJ para discutir os resultados e novos experimentos.

Terapia animal

Tratamento milenar é incorporado na recuperação de animais no hospital veterinário

Fotos: Natália Figueiredo



Thor, ao lado da dona, após a aplicação das agulhas; o cão teve redução drástica dos ferimentos com ajuda da técnica

Por Natália Figueiredo

O ramo da medicina chinesa, já tão difundido e procurado em nossa sociedade ocidental, a acupuntura, foi pensada ainda na década de 80 como alternativa a ser incorporada no tratamento de animais no hospital veterinário da UFRRJ. A técnica se baseia na aplicação de agulhas em pontos definidos do corpo, chamados de "Pontos de Acupuntura" ou "Acupontos" que se distribuem principalmente sobre linhas chamadas "meridianos chineses" e "canais", para obter diferentes efeitos terapêuticos conforme o caso tratado. A iniciativa surgiu quando o então professor, Tetsuo Inada, treinado por um mestre em acupuntura, atendia a comunidade em sua sala na área

de Histologia e foi questionado por alunos por que não aplicar a técnica em animais também. Inada concordou e assim foi criado o primeiro ambulatório do ramo.

As atividades se efetivaram desde o final dos anos 80 até 1995, sob a supervisão de Inada, mas sofreram uma interrupção, retornando em 2004, como projeto extensionista, coordenado da professora Magda Medeiros. "Quando fiz veterinária na Rural no começo dos anos 90, a acupuntura era febre, todo mundo queria fazer o curso do Tetsuo e atender no hospital. Fiz parte deste grupo", contou a orientadora.

Medeiros é especialista em Fisiologia e douto-

Medicina alternativa
Veterinárias e alunas fazem acupuntura em Thor em local improvisado para não interromper o tratamento



ra pela UNIFESP. Em 2002, retornou à universidade com intuito de fazer pesquisa, mas incentivada pelos alunos reativou o ambulatório de acupuntura.

Os resultados são animadores

Hoje, os principais objetivos do projeto são oferecer atendimento à comunidade e adjacências, assim como treinamento técnico aos alunos e divulgar a acupuntura como medicina alternativa. Para quem não imagina o procedimento é basicamente o mesmo para seres humanos e animais.

“A Filosofia é a mesma. As agulhas para cães e gatos são as mesmas que em humanos. Somente alguns pontos e técnicas que são diferentes. Porém, o mais importantes é que em veterinária, geralmente os casos são muito mais graves que em humanos - tratamos animais em condições extremas-, temos que ter uma frequência menor de tratamento - por questões de logística -, e com certeza, temos mais sucesso que em humanos. Os animais são fantásticos!”, concluiu.

O projeto conta com a participação de uma bolsista e duas colaboradoras, as alunas de graduação Tatiane Vieira, Carolina Chize e a aluna de pós-graduação Julia Villas Boas, especialista em acupuntura, respectivamente. Juntas com a professora Magda puderam concluir que a visão atual da capacidade de recupe-



Marta acompanhou toda evolução do estado de seu cachorro e hoje fica feliz ao ver os avanços de um dos mais antigos pacientes do ambulatório

ração de animais com doenças neurológicas é muito grande e que a indicação de eutanásia deve ser considerada com muita cautela “Muitos dos nossos pacientes tiveram indicação de eutanásia antes de começar o tratamento conosco, a acupuntura pode ajudar em muitos casos”, acrescentou Medeiros. O grupo realiza um trabalho sério pautado nos conhecimentos orientais, mas sem deixar de lado o conhecimento ocidental. O acupunturista veterinário deve saber muito de clínica médica (ocidental) e também de neurologia veterinária. Contudo, para a orientadora o mais importante é manter a mente aberta. “Você não pode dizer que uma coisa não funciona, se você não conhece. No caso da acupuntura vários estudos científicos mostram resultados animadores”, diz. A bolsista Tatiana Vieira iniciou no ambulatório em maio deste ano e destaca a oportunidade que o projeto trás de inserir os alunos interessados em medicina alternativa na rotina de trabalho do acupunturista veterinário. “A acupuntura é uma técnica que auxilia no tratamento de algumas patologias e suas sequelas, acho que mostrando à comunidade o nosso trabalho no ambulatório e seus benefícios podemos aumentar a qualidade de vida dos animais da região a preços acessíveis por todos”, acrescentou a estudante.



A professora Magda e Arildo ajudam Timbau a se movimentar dentro do carrinho, acostumando-o a manter os pés no chão

Histórias de superação

No momento o grupo cuida dos cães Thor e Timbau, ambos sofrem de Sinomose, doença que afeta o funcionamento motor do animal, tinham muitas feridas pelo corpo e apresentavam pneumonia, quadros realmente críticos. Com o tratamento os cães conseguiram recuperar alguns movimentos, fecharam boa parte das feridas e curaram as inflamações. “O Thor melhorou muito, ele tinha aproximadamente 30 feridas no corpo, algumas bem fundas era apático, não conseguia nem sentar e se urinava todo. Apostei na acupuntura como último recurso para que ele voltasse a andar”, afirmou Marta Santana, assessora jurídica e dona de Thor. Marta tem ao todo seis cães, sempre os tratou no hospital veterinário e lá conheceu as possibilidades da acupuntura. “Peguei o Thor para cuidar com oito meses, não ia deixar ele morrer na

rua, mas todos pensavam que teria que sacrificá-lo”, acrescentou.

Arildo Pereira é policial florestal e totalmente apaixonado pelo seu cão Timbau. Ele pegou o animal com aproximadamente um ano. Quando o levou a primeira vez ao ambulatório o animal não

“Muitos dos nossos pacientes tiveram indicação de eutanásia antes de começar o tratamento conosco”

se mexia, nem andava, estava com pneumonia e uma série de feridas. “Fazemos todo um trabalho de reabilitação, primeiro com a medicação, depois fisioterapia e acupuntura. Timbau é o maior exemplo de superação, o highlander do ambulatório”, brinca a orientadora. Hoje, o cão já consegue apoiar algumas patas no chão, criou mais resistên-

cia na musculatura e praticamente sarou as feridas. Ele movimentava-se com auxílio de um carrinho adaptado, construído pelo próprio dono. “Eu o trouxe para tratar o pulmão, depois que melhorou, iniciei o tratamento com a acupuntura para que ele recuperasse os movimentos”, diz.

Com todos esses resultados, o projeto está longe de terminar, o ambulatório ganhou o apoio da Pró-Reitoria de Extensão por mais um ano, através do edital do Biext, a fim de aumentar o atendimento de acupuntura oferecido na UFRRJ. As consultas acontecem todas as terças e quintas, no hospital veterinário e por exigência do mesmo é cobrado o preço singular de R\$15,00 a consulta. No entanto, devido a greve e a consequente paralisação do hospital veterinário, o grupo está atendendo os casos mais graves atrás do Instituto de Biologia, próximo ao lago. ◆



Timbau alcança os primeiros passos, ainda um pouco fracos, mas milagrosos, ao lado do dono e do grupo, depois de um tratamento intensivo de sessões de fisioterapia e acupuntura

Incentivo ao turismo

Professores da UFRRJ elaboram projeto de planejamento turístico para Pedra de Guaratiba, a fim de desenvolver essa atividade na região

Fotos: Divulgação



Grupo de alunos organizados para recepção, cadastro e credenciamento para 1ª Oficina Participativa do Projeto – 27 de junho de 2012.

Por Ana Carolina Brandão

Localizado na zona oeste do Rio de Janeiro, o bairro Pedra de Guaratiba já se destacou como grande produtora de pescado. Hoje, porém, devido a grande poluição da baía de Sepetiba, a atividade pesqueira declinou, mas a área conhecida como a antiga aldeia de pescadores ainda existente na região. E é lá que funciona o projeto “Conhecendo Pedra de Guaratiba”, desenvolvido por professores e alunos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), com apoio da Pró-Reitoria de Extensão e do BIEXT.

Há mais de dez anos, um grupo social organizado da região tinha o intuito de desenvolver ações para valorização da cultura dessa comunidade. Ações

como produção de artesanato, sensibilização para as questões ambientais, cidadania e incremento de renda – segundo os princípios da economia solidária e da economia criativa, denominado “Mulheres de Pedra”, e da equipe no Núcleo Estadual de Assistência Técnica a Empreendimentos Solidários (NEATES) no estado, inserido no Centro de Estudos Integrados e Programas de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS). A partir dessa demanda, foi observada a necessidade local e elaborado o projeto, que visa criar um inventário turístico em Pedra de Guaratiba seguido de um diagnóstico da situação atual. Assim, esse projeto é caracterizado como uma prestação de serviço dentre as tipologias de atividades de extensão previstas pela

Rural.

Sob a coordenação dos professores doutores Isabela de Fátima Fogaça (IM/DAT/Turismo) e Lélío Galdino Rosa (ICHS/DEDH/Hotelleria), juntamente com a colaboração da professora doutora Mônica Richter (IM/DES/Geografia), responsável pela execução do material cartográfico necessário à inventariação e diagnóstico participativo, e da professora mestre Stella Magaly (ICHS/DEDH/Hotelleria) de A. de Sousa, responsável pela execução do inventário e diagnóstico participativos dos equipamentos e serviços turísticos, o primeiro passo do projeto é o planejamento e a gestão da atividade turística como meio para o fortalecimento da economia local e melhoria da qualidade de vida da população.

“A visão profissional dos pro-

fessores e dos alunos irá proporcionar condições de maximização e organização para que componham o planejamento, a execução e a manutenção da atividade turística na região de Pedra de Guaratiba. Tudo graças ao grande potencial que a área dispõe, com atrativos tanto naturais quanto culturais”, disse o professor Lélío Rosa, um

“A maioria deles é apaixonada pelo lugar e enxerga o potencial turístico que ele tem”

dos coordenadores.

Através da geração de renda, emprego e valorização de suas características histórico-culturais, o projeto “Conhecendo Pedra de Guaratiba” é um instrumento

fundamental para a elaboração de diagnósticos e da consequente definição de políticas de fomento ao desenvolvimento do turismo. Dessa forma, o público-alvo primeiro desse projeto são os membros da comunidade, diretamente interessada no desenvolvimento da atividade turística na região, como prestadores de serviços turísticos, Organizações Não Governamentais (ONG) relacionadas às questões ambientais, sociais e culturais, e a população que tenha interesse em se inserir na cadeia produtiva do turismo.

Assim, são previstos, junto à comunidade, o levantamento dos potenciais atrativos naturais e culturais, equipamentos e serviços turísticos, campanhas de campo conduzidas por moradores locais, oficinas participativas tanto na fase



Contadoras de histórias, interagindo e integrando o grupo para uma reflexão sobre turismo. Uma das atividades praticadas na 1ª. Oficina Participativa do Projeto – 27 de junho de 2012.



Em junho deste ano, a 1ª oficina participativa do projeto reuniu moradores da região de Pedra de Guaratiba

de inventário quanto na fase de diagnóstico e definição de indicadores para o desenvolvimento do turismo local de forma participativa. Portanto, tem-se como objetivo fundamental do projeto apresentar, em 12 meses, à comunidade de Pedra de Guaratiba um instrumento de planejamento do turismo, construído coletivamente, que auxilie tanto o poder público quanto a iniciativa privada e, principalmente, os grupos organizados da sociedade civil para o desenvolvimento de políticas/ações que fomentem o desenvolvimento do turismo na localidade de forma sustentável gerando emprego, renda e valorização sociocultural.

Além dos professores, os alunos do curso de bacharelado em turismo (IM), de licenciatura em turismo (EaD), hotelaria (ICHS) e geografia (IM) também compõe a equipe. As alunas Aluana Marques e Susana Prata, do curso de turismo – campus Nova Iguaçu – participam do projeto como voluntárias e, dentre as atividades realizadas por elas, destacam-se questionários de opinião pública e demanda turística durante os festejos religiosos, e oficinas participativas.

“Esse projeto tem tudo para dar certo, Pedra de Guaratiba será conhecido como um lugar de turismo de base comunitária”

“Durante a oficina realizada junto à população local, percebemos o real interesse dos moradores em fomentar o turismo em Pedra de Guaratiba. A maioria deles é apaixonada pelo lugar e enxerga o potencial turístico que ele tem, porém, não desejam, de forma alguma, extinguir a característica principal do local: a tranquilidade. Ou seja, não desejam um turismo de massa, e sim algo que seja desenvolvido de forma sustentável, que traga benefícios para população e o mínimo de malefícios”, destacou a aluna Susana Prata.

Contudo, é possível concluir que o projeto “Conhecendo Pedra de Guaratiba”, propõe o pleno conceito de extensão universitária, na medida em que envolve diretamente comunidade, alunos e professores de variados departamentos e institutos da UFRRJ de maneira inter, intra e multidisciplinar. “Esse projeto tem tudo para dar certo, e Pedra de Guaratiba – ou melhor, todo o município de Guaratiba – daqui à alguns anos, será conhecido como um lugar de turismo de base comunitária”, contou Aluana Marques, aluna de turismo, voluntária do projeto.



Seropédica no tempo

Projeto reúne depoimentos e fotografias dos idosos seropedicenses a fim de remontar o cenário anterior à chegada da urbanização

Fotos: Divulgação



Há 60 anos Seropédica recebe a rodovia Rio-São Paulo, inaugurada pelo presidente Eurico Gaspar Dutra

Por Jéssica Reis

O projeto de Extensão “Seropédica no tempo: memórias e fotografias de idosos do contexto rural fluminense” segue estreitando laços entre a universidade e os moradores da região.

No segundo semestre de 2011, o professor adjunto de Psicologia da UFRRJ, Ronald Clay dos Santos Ericeira, dentro da disciplina “Psicologia da Percepção e da Memória”, ultrapassou os limites espaciais da universidade. Com o objetivo de coletar depoimentos que narrassem a transformação da cidade, juntamente com os alunos, entrevistou idosos do Núcleo de Idosos da Melhor Idade, no Km 51 de Seropédica.

O foco das entrevistas foi o resgate da memória coletiva no que tange à emancipação do município. “Nas histórias oficiais das cidades, comumente são registradas apenas as versões oficiais das autoridades. Minha ideia era coletar as visões de

idosos comuns sobre as mudanças ocorridas na região ao longo das últimas décadas”, contou o professor.

Já em 2012, o grupo optou por reunir além de depoimentos, fotografias antigas da cidade. “O objetivo se ampliou para acompanharmos de que maneira o município deixou de ser uma área rural, passando a apresentar feições cada vez mais urbanas”, afirmou Ericeira.

No último semestre, o grupo registrou 45 histórias de vida desses idosos. O professor conta que, durante a coleta de material, os entrevistados afirmaram perceber a Rural de forma muito distante dos moradores da região. “Dessa demanda deles nos surgiu a ideia de oferecer oficinas de memórias. Foi o meio que encontramos de aproximar a universidade e os moradores”, afirmou.

Até o primeiro semestre de 2012, o grupo ofereceu oficinas de memória para outros 15 idosos trabalhando com testes psicológicos, bem

como com técnicas de concentração. Os encontros aconteceram no Instituto de Educação (IE) da UFRRJ. Segundo o professor, o grupo pretende oferecer oficinas, ao longo do ano, para mais 20 idosos.

Além de Ericeira, idealizador e coordenador do projeto, o grupo conta com a participação efetiva de quatro alunos do curso de Psicologia - sendo um bolsista da Pró-Reitoria de Extensão - com a Secretária de Assistência Social de Seropédica e com apoio institucional do Departamento de Psicologia (UFRRJ).

O projeto já atingiu resultados expressivos. No mês de maio, o grupo participou do I Seminário de Memória e de Cultura promovido pela Rural. E dois artigos foram submetidos para avaliação de pareceristas em revistas de cunho científico. Além disso, em julho, os resultados do projeto foram apresentados um Congresso na África do Sul.

